

AMERICANAS: UMA VERSÃO CONTEMPORÂNEA DAS MULHERES NEGRAS NO MOVIMENTO SOCIAL

LUCIANE BARCELLOS DE ALMEIDA¹;
SIMONE DA SILVA RIBEIRO GOMES²

³

*¹Universidade Federal de Pelotas – ludoutora2028@gmail.com
Universidade Federal de Pelotas – simone.gomes@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

O trabalho pretende abordar reflexões sobre alguns conceitos desenvolvidos por intelectuais negras brasileiras nos anos de 1980 a 1990, no intuito de promover uma análise contemporânea sobre o protagonismo de mulheres negras envolvidas nos movimentos sociais de luta por moradia, no estado do Rio Grande do Sul.

Este protagonismo apresenta-se como forma de participação ativa das mulheres negras nas ações diretas, de ocupações de prédios e terrenos públicos ou integrando projetos habitacionais, que viabilizam o acesso à casa própria.

Elas estão organizadas em movimentos sociais e buscam, através do cooperativismo e do associativismo, garantir acesso a recursos públicos para a produção de unidades habitacionais, via editais no Programa Minha Casa Minha Vida – Entidades, do governo federal.

O cenário atual demonstra que mulheres negras e pobres são o grupo de maior proporção das pessoas sem habitação no país. Justifica-se esta afirmativa ao consultar os dados do IBGE¹ de 2023, que demonstram as taxas de condição de ocupação por domicílio. Dados totais gerais apresentados, observam que a população preta e parda compõe a maioria dos domicílios brasileiros, em torno de 57,12%, em comparação com a população branca, que atinge 42,88% em taxa ocupacional de domicílios.

Segundo os mesmos dados, a maioria da população sem domicílio próprio é composto por mulheres pretas e pardas 37,6% e apresentam uma condição de habitabilidade precária, deste percentual temos o seguinte quadro: 5,5% dos domicílios são imóveis ainda não quitados; 22,2% de domicílios alugados; 1,5% é cedido por empregador; 7,4% o domicílio é cedido por familiar; 0,7% é cedido de outra forma e 0,3% dos domicílios é ocupado de forma não especificada.

Esta realidade é mais bem observada quando analisados os dados de domicílios brasileiros formados por mulheres pretas ou pardas sem cônjuge e com filho(s) até 14 anos; o percentual chega a 52,3% destas, sem casa própria.

Diante deste quadro, algumas compõem espaços de resistência, ressignificação e superação desta realidade, organizadas em movimentos sociais, como forma de reinventar este cotidiano, por meio da participação em cooperativas habitacionais.

Ao observar este conjunto empírico, pretende-se a partir das ideias de Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento e Sueli Carneiro, ícones da intelectualidade negra brasileira, apresentar conceitos que buscam demonstrar como as mulheres pretas e pardas atuam na contemporaneidade, colocando sua marca na produção do habitar brasileiro.

¹ [Fonte:https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/2074-np-sintese-de-indicadores-sociais/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html](https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/2074-np-sintese-de-indicadores-sociais/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html)

Segundo Gonzalez (2018), o conceito de “amefrikanidade” remete a um amálgama que “incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretar e criação de novas formas)” (GONZALEZ, 2018, p.338). Essa dinâmica atualmente, faz com que as mulheres negras ressignifiquem suas vidas e empoderem-se, a partir da luta por moradia digna.

Ainda segundo a autora ela irá designar essa experiência das mulheres pretas e pardas como pertencentes e signatárias do constitutivo real do termo **amefrikanas**,

“Por conseguinte, o termo amefrikanas/amefrikanos designa toda uma descendência: não só a dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro, como a daqueles que chegaram à AMÉRICA muito antes de Colombo. Ontem como hoje, amefrikanos oriundos dos mais diferentes países têm desempenhado um papel crucial na elaboração dessa amefrikanidade que identifica na diáspora uma experiência histórica comum que exige ser devidamente conhecida e cuidadosamente pesquisada.” (González, 2018, p. 123)

Ao atender a proposição de Gonzalez (2018), a pesquisa busca conhecer os traços de amefrikanidade que são desenvolvidos por essas mulheres. Identifica a marca da ancestralidade que reforça as práticas coletivas e faz com que elas sobrevivam há séculos de exploração, discriminação e injustiças sociais.

Esta forma de organização cotidiana com seus pares encontra no cooperativismo habitacional possibilidade de transformação de sua realidade, pois ele é uma ferramenta eficaz, no enfrentamento as desigualdades sociais.

Ao observar este cotidiano cooperativo, se recorre a Nascimento (2022), quando ela traz a fuga como ação positiva, “Por isso, acho que os quilombos surgiram não só como resultado de uma situação negativa de fuga da escravidão, mas como uma ação positiva para recriar a ligação primordial do homem com a terra.” (NASCIMENTO, 2022, p. 145), para designar o lugar de pertencer, de morar, onde mulheres negras buscam revigorar suas forças e reafirmar a perspectiva da “matricialidade”, uma marca fundamental da diáspora africana em solo latino, constitutivo de processos coletivos e cooperativos.

Desta forma assemelha-se a proposta do cooperativismo habitacional, de seu conceito de “quilombo como um sistema alternativo de organização social” (NASCIMENTO, 2018. p. 361), modelo primeiro de movimento social organizado na luta por liberação, que produz uma *paz na guerra*, “Essa paz, concomitante ao processo descontínuo da guerra, era a própria manutenção desta através da produção de alimentos e de informações, o papel da mulher, do ancião, da criança e do adolescente, não envolvidos diretamente nas forças de defesa.” (NASCIMENTO, 2018. p. 363), isso molda a forma como as amefrikanas resistem em solo brasileiro e como elas se organizam, nessa guerra silenciosa do racismo estrutural.

E assim tanto Gonzalez como Nascimento (2018) chamam a atenção para um desafio que está na gênese da produção do feminismo negro no Brasil. A perspectiva de explicar os fenômenos a partir do olhar das amefrikanas. É olhar a questão da moradia, do território, da cidade, da política pública habitacional, do movimento social e da cooperativa, com a lente desta amefrikanas cooperada.

Portanto, ao abordar a vivacidade dos escritos destas intelectuais, percebe-se a urgência em interpretar os fenômenos sociais à luz de suas produções. O próprio termo e a proposta da interseccionalidade estão latentes nestes conceitos. Mais de três décadas, Carneiro (2019) anuncia isso quando traz o conceito de tripla militância, ou seja, elas estão no movimento negro, no feminista e também no movimento de luta por moradia.

“A condição de mulher e negra, o papel histórico que as mulheres negras desempenham em suas comunidades, a comunidade de destino colocada para homens e mulheres negras pelo racismo e a discriminação impedem que os esforços organizativos das mulheres negras possam se realizar dissociados da luta geral de emancipação do povo negro.”(Carneiro, 2019, p.169)

Dante disso, a organização coletiva, através do cooperativismo habitacional, exige um esforço das amefricanas, pois são protagonistas de suas histórias e se empoderam nos processos de conquista da casa própria. Em seus depoimentos, referem que a casa é o início de uma vida digna para elas e seus filhos. Nunca foi uma luta individual e elas irão demonstrar isso em sua práxis, sempre será uma luta coletiva.

2. METODOLOGIA

A utilização da metodologia de pesquisa participante, com observações a participação nos debates desenvolvidos pelo Fórum Estadual de Entidades Urbanas do RS, o contato com as cooperativas habitacionais e suas cooperadas. Desta forma foi possível adentrar o processo de constituição deste espaço, caracterizado por ser um lugar de diversos segmentos que organizam pessoas na luta por habitação, nas entidades advindas dos movimentos sociais.

A pesquisa documental para compreender o Programa Minha Casa Minha Vida – Entidades, as cooperativas habitacionais e as etapas que envolvem os projetos habitacionais, faz parte deste construto metodológico, que promoveu os diálogos e reflexões até o momento.

Na sequência da pesquisa, existe a proposta de ouvir as amefricanas, com a metodologia de grupo focal, para deixar que elas possam trazer suas opiniões e depoimentos acerca deste processo coletivo em que são protagonistas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As reflexões elaboradas foram realizadas através do acompanhamento inicial junto ao Fórum Estadual de Entidades Urbanas do RS. A participação neste espaço abriu a perspectiva para conhecer este segmento aglutinador de diversas entidades do estado que desenvolvem discussões na área da habitação. As cooperativas habitacionais ocupam um lugar central no Fórum, trazem suas demandas e se mobilizam coletivamente para avançar na produção de unidades habitacionais para as pessoas que estão organizadas.

Esta participação junto ao Fórum, em atividades das entidades e no contato direto com as cooperadas, traz a possibilidade destas primeiras discussões e diálogos propostos com as teóricas, revelado no cotidiano da luta por moradia digna, que eles empreendem e que a pesquisa avança.

Uma das discussões propostas está no fato de postular o quanto amefricanas, envolvidas nos movimentos sociais, resistem e acolhem todas e todos, na proposta cooperativista. Elas percebem no acolhimento da diversidade que existe a força ancestral da diáspora e reinventam o movimento com sua dinâmica.

Abordar essa proposta de organização coletiva, que no passado foi feita junto aos quilombos e atualmente é reeditada junto às cooperativas habitacionais, transforma cenários de desigualdades sociais em processos de empoderamento da vida das amefricanas. Neste momento da pesquisa se percebe o quanto é

necessário promover espaços dialógicos, em que as amefricanas possam contar como fazem acontecer sua luta e possam refletir sobre essas ações, também como frutos de lutas anteriores.

4. CONCLUSÕES

A inovação do trabalho é promover o diálogo entre as intelectuais negras e as cooperadas que lutam por moradia digna. Perceber o quanto tem de atual nas ideias de Gonzalez, Carneiro e Nascimento, obras que desvelam e auxiliam na compreensão do funcionamento de nossa sociedade nesta encruzilhada histórica. Um movimento circular que aponta caminhos, para promoção do bem viver em busca de uma reparação tardia, mas que precisa acontecer para as amefricanas.

Os resultados obtidos estão no campo da práxis, que demonstra um feminismo negro brasileiro pulsante, pelas mãos e vozes das amefricanas, que ressignificam conceitos diante da luta travada no cotidiano, em busca da casa própria, mas não somente deste direito. Estas buscam o direito de existir sem o peso da discriminação, do preconceito e da falta de reconhecimento de si como mulheres pretas e pardas no mundo.

E por fim o processo mais inovador é “sobretudo se pensarmos naqueles que, num passado mais ou menos recente, deram o seu testemunho de luta e sacrifício, abrindo caminhos e perspectivas para que, hoje, nós possamos levar adiante o que eles iniciaram.” (GONZALEZ, 2018, p.341), essa tarefa descrita por Lélia há mais de três décadas, expressa essa força da ancestralidade, característica primeira promotora de todas as lutas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma Vida.** São Paulo: Pólen Livros, 2019.
- GATTI, B. Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** Brasília: Liber livro Editora, 2005.
- GONZALES, Lélia. **Lugar de negro.** Lélia Gonzales e Carlos Hasenbalg. – Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.
- _____. **Por um feminismo afro-latino-americano.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- _____. **Primavera para as rosas negras.** Diáspora Africana: Editora Filhos de África, 2018.
- NASCIMENTO, M. Beatriz. **O negro visto por ele mesmo.** São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- _____. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias da destruição.** Diáspora Africana: Editora Filhos de África, 2018.

Documentos eletrônicos

- IBGE. **Síntese de indicadores sociais.** Tabelas – 2024, Condições de Moradia, Gov.br. Acesso a informação em 23 mai. 2025. Online. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/2074-np-sintese-de-indicadores-sociais/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html>